



A Santa Sé

**DISCURSO DO SANTO PADRE
AOS PARTICIPANTES DO CAPÍTULO GERAL DA CONGREGAÇÃO DOS OBLATOS DE SÃO
JOSÉ**

*Sala Clementina
Segunda-feira 26 de agosto de 2024*

[Multimedia]

Queridos irmãos, bom dia!

Dou-vos as boas-vindas no momento em que encerrais o vosso XVIII Capítulo geral. Saúdo o Padre Jan Pelczarski, reeleito Superior-geral: fizeste bem, reelegeram-te; saúdo os Conselheiros, todos vós aqui presentes e toda a “Família Josefina Marelliana”: religiosas, leigos e jovens.

Como sabeis, também a minha família é originária de Asti. Temos raízes comuns naquela terra do Piemonte, que deu origem ao vosso fundador São José Marello. É uma bela terra, de bom vinho... Linda terra!

Como guia para os vossos trabalhos capitulares, escolheste a frase de São Paulo a Timóteo: «Exorto-te a reavivar a chama do dom de Deus que recebeste» (2 Tm 1, 6). São palavras exigentes, mediante as quais vos reconheceis como beneficiários de um dom — a santidade do Fundador, o carisma e a história da vossa Congregação — comprometendo-vos a fazer vossas as responsabilidades que disto derivam: preservar e fazer frutificar os talentos recebidos, colocando-os ao serviço dos irmãos.

E estas duas atitudes — gratidão e responsabilidade — evocam bem a figura de São José, guardião da Sagrada Família, modelo, inspirador e intercessor da vossa Congregação.

Portanto, gostaria de realçar três dimensões da existência de José de Nazaré, que me parecem

importantes também para a vossa vida religiosa e para o serviço que prestais na Igreja: o *escondimento*, a *paternidade* e a *atenção aos últimos*.

Primeiro: *escondimento*. São José Marelló resumiu este valor com o lema: “cartuxos em casa e apóstolos fora de casa” — é bonito, eu não o sabia, quando o li fiquei impressionado, uma bonita síntese — e é muito importante. É importante, sobretudo para vós, a fim de que saibais enraizar a vossa vida de fé e a vossa consagração religiosa num “estar” quotidiano com Jesus. Não nos iludamos: sem Ele não estamos de pé, nenhum de nós. Cada um tem as suas fragilidades, e sem o Senhor para nos sustentar, não estaríamos de pé. Por isso, encorajo-vos a cultivar sempre uma intensa vida de oração — “intensa” é, talvez, um adjetivo demasiado forte: uma *boa* vida de oração, esta, não a abandoneis — através da participação nos Sacramentos, da escuta e da meditação da Palavra de Deus, da Adoração eucarística, tanto pessoal como comunitária. E sobre isto quero frisar: às vezes descuidamos a adoração, a oração de adoração, o silêncio diante do Senhor, por vezes é um pouco tedioso adorar em silêncio... É o que todos deveríamos fazer, mas sobretudo os religiosos. Foi em primeiro lugar deste modo que São José respondeu ao imenso dom de ter em casa o próprio Filho de Deus que se fez homem: estando com Ele, escutando-o, falando-lhe, partilhando com Ele a vida de todos os dias. Recordemos: sem Jesus não estamos de pé! Neste momento, peço a todos que pensem nos seus pecados: todos nós somos pecadores! Pensai agora nos vossos pecados e vede que, quando caístes no pecado, foi porque não estáveis próximos do Senhor. É sempre assim! Quem está perto do Senhor agarra-se imediatamente e não cai. A proximidade ao Senhor!

E tudo isto se refletirá também positivamente no vosso apostolado, de modo especial naquela missão que vos caracteriza como “apóstolos dos jovens”. Os jovens não têm necessidade de nós: precisam de Deus! E quanto mais vivermos na sua presença, mais seremos capazes de os ajudar a encontrá-lo, sem protagonismos desnecessários e tendo a peito apenas a sua salvação e plena felicidade. Os nossos jovens — mas na verdade um pouco todos nós — vivem e também nós vivemos num mundo feito de exterioridade, onde o que conta é aparecer, ter aprovação, fazer experiências sempre novas. Mas uma vida vivida toda “fora” deixa-nos vazios dentro, como alguém que passa todo o tempo na rua e deixa que a sua casa se degrade por falta de cuidado e de amor. Fazei dos vossos corações, das vossas comunidades, das vossas casas religiosas, lugares onde se possa sentir e partilhar o calor da familiaridade com Deus e entre irmãos; onde, como dizia [São João Paulo II](#), «a salvação, que passa pela humanidade de Jesus, se realiza nos gestos que fazem parte da vida diária da família» ([Exortação apostólica *Redemptoris custos*](#), 8). Foi assim com São José!

Segundo: *paternidade*. A este respeito, são muito significativas as palavras que São José Marelló escreveu ao Padre Estêvão Delaude: «Pobre juventude, demasiado abandonada e negligenciada, pobre geração em crescimento, deixada demasiado à mercê de ti mesma!» (*Carta* 31, 20 de fevereiro de 1869). Sente-se aqui o coração de um pai, que se comove diante da beleza dos seus filhos humilhada pela indiferença e pelo desinteresse dos que deveriam, pelo contrário, ajudá-los

a dar o melhor de si. E, na mesma Carta considera ainda como é injusta e estéril a atitude daqueles que se limitam a criticar a juventude abandonada e desnordeada. É o que acontece também hoje. O santo bispo fala de “generosidade injusta”, de “afetos mal orientados” (cf. *ibid.*): isto é, demonstra que nos jovens sente um grande potencial de bem, que só está à espera de desabrochar e dar frutos, se for apoiado e acompanhado por guias sábios, pacientes e generosos. E assim quer que sejais, atentos ao bem integral dos jovens, concretamente presentes ao lado deles e das suas famílias, peritos na arte maiêutica dos bons formadores, sabiamente respeitadores dos tempos e das possibilidades de cada um. Irmãos, esta é uma grande obra, cansativa mas indispensável, sempre e sobretudo nos nossos dias (cf. Exortação apostólica *Christus vivit*, 75).

E concluindo, depois da paternidade, *atenção aos últimos*. Uma das coisas que impressionam do santo esposo de Maria é a fé generosa com que acolheu em casa e na sua vida um Deus que, contrariamente a todas as expectativas, apareceu à sua porta no filho de uma jovem frágil, sem qualquer possibilidade de recriminação. Não havia direito algum que Maria e o seu Menino pudessem humanamente reivindicar perante o santo Patriarca, exceto o de uma Presença que só a fé podia reconhecer e a caridade acolher. E José foi capaz de dar este passo: reconheceu a presença real de Deus na própria pobreza e fê-la sua, uniu-a à sua vida. Porque o nosso acolhimento dos últimos consiste nisto. Não se trata de se rebaixar paternalisticamente à presumível “inferioridade” deles, mas de partilhar com eles a nossa própria pobreza. É o que nos ensina o fazer-se pobre de Deus (cf. *Fl 2, 5-11*); foi o que nos ensinou São José Marello, reservando no seu coração de pastor um lugar muito especial para os jovens mais problemáticos, para a “pobre juventude”, como ele gostava de dizer, e é o que o Senhor nos chama a fazer ainda hoje.

Caros irmãos, desejei partilhar convosco estas indicações para o vosso caminho. Obrigado pelo que fazeis na Igreja e na sociedade, obrigado pelo vosso serviço! Continuai com esta generosidade. Rezo por vós e abençoo-vos. E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim.

E agora gostaria de vos contar algo que me faz rir. No meu quarto tenho um quadro de São José que dorme, mas diz-se que na sua vida José não conseguia dormir, sofria de insónia, pois todas as vezes que adormecia a sua vida mudava! Isto fora do texto! O homem que deixa mudar a sua vida: faz-me muito bem pensar assim.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana